

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO

SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

ALBANO COELHO || PUBLICA-SE AOS DOMINGOS || D. C. SOTTO MAYOR

CARTÃO DE VISITA

ABELHA! Para que foram estes endemoninhados escolher semelhante titulo para o seu jornal, se elles são a perfeita antithese do laborioso animalsinho? — dirão os nossos presados leitores.

Estão vossencias rasamente enganados. Bem que a preguiça seja propria da nossa idade, nós detestamos esse peccado mortal, e apresentamo-nos dispostos a trabalhar, e trabalhar muito.

Como a abelha, que vóa de flor em flor, escolhendo das mais odoríferas o nectar mais precioso para o fabrico do loiro favo, nós procuraremos voar atravez os vastissimos vergeis da sciencia e da litteratura, para apresentarmos aos nossos leitores as mais mimosas produções, que possam instruil-os sem os macerar, e deleital-os sem os romper.

E não julguem da importancia d'este jornal pelo numero que ora lhe apresentamos. Foi elle publicado tão precipitadamente, que não podêmos obter ainda a decima parte da collaboração com que contamos.

Supponham uma colmeia em principio. O que é? — Uma porção de cortiços vasio. Depois, sim: os enxames começam de abrigar-se e de trabalhar, até que a final apresentam aquelles cortiços cheios de cera, com que se alumiam nos altares as imagens das nossas crenças, e do mel, que tem muita virtude... para curar constipações.

Este numero, pois, apesar de alguns nomes brilhantissimos que o firmam, não póde considerar-se como numero de reclame, porque não tentamos fazel-o.

Apresentando-nos aqui, resolvidos a trabalhar, e auxiliados pelas principaes culminancias litterarias do nosso paiz, cujos nomes publicaremos no proximo numero, julgamo-nos sufficientemente habilitados a esperar do publico illustrado, e amante das letras patrias, a manifestação da sua sympathia pelo nosso jornal.

Dito isto, resta-nos declarar que, acatando sempre a sã moral, publicaremos produções litterarias dos principaes escriptores, sem olhar ás crenças politicas de cada um.

Não póde condemnar-se uma joia de litteratura, só porque ella saiu dos bicos da pena de um escriptor de crenças differentes das nossas. Abrimos, pois, as nossas co-

lumnas a todos os nossos collaboradores, porque a todos apreciamos litterariamente, com a mesma imparcialidade: admiramos-lhes o talento, e respeitamos-lhes as convicções.

A Empresa.

AS ABELHAS

I. — Temos em lingua patria um escripto valioso ácerca das ABELHAS, devido ao presbytero secular *Francisco de Faria e Aragão*, que na *Austria* exalcára o berço natalicio, cultivando illustrações alli de renome litterario, especialmente na aldeia aprasivel de *Marckfeld*, onde costumava passar as quadras do estio.

Tem por titulo TRATADO HISTORICO E PHYSICO DAS ABELHAS, formando um volume em 4.º com a paginação VIII n.—238 n.—1 in., e sendo exornado com uma estampa oblonga.

II. — Foi impresso em *Lisboa* em 1800, na officina da Casa Litteraria do Arco do Cego.

E deu-o *Fr. José Marianna da Conceição Velloso* á luz do prelo, de baixo dos auspicios e ordem do então Príncipe Regente de Portugal desde 1789—depois o rei D. João VI desde 1816 a 1826.

III. — O que vale o escripto do *Padre Faria e Aragão* — auctor ainda d'outro escripto curioso á cerca do fabrico de *relogios solares*, com o titulo de HOROGRAPHIA OU GNOMONICA PORTUGUEZA—em sobre o mostra *Fr. José Marianno*, testemunhando-nos os quilates scientificos do TRACTADO DAS ABELHAS, da dedicatoria preliminar ao *Príncipe Regente*.

Ahi affirma exceder o nosso *Padre a Maraldi*, a *Swammerdam*, a *Réaumur*, a *Aubenton*, a *Basia*, a *Palteau*, e á *Dama de Lausanne*—que eram na epocha d'então os escriptores abelhistas do maximo dos renomes, além do famigerado *Janska*.

IV. — Das 128 especies das ABELHAS, de que nos dá *Carlos de Villers* a enumeração, é sómente a ABELHA DO MEL em especial—*apis mellifica*—a de que tracta exclusivamente o *Padre Faria e Aragão*, no amplo e minucioso escripto seu.

Exordia-o com a *illucidação* dos termos technicos de maior uso no estudo practico d'este HYMENOPTERO—dotado de quatro asas

membranosas e descobertas—insecto da familia MELLIFEROS do entomologista *Latreille*.

V. — No fim d'este seu volume em 4.º, dá-nos o *Padre Faria e Aragão*, como synopse prestimosa, um *calendario entomologico* de mez em mez.

Compreende n'um grupo o *Dezembro*, o *Janeiro*, e o *Fevereiro*; n'outro, o *Marco* e o *Abril*; n'outro, o *Maió* e o *Junho*; n'outro, o *Julho* e o *Agosto*; n'outro, o *Septembro* e o *Outubro*; e n'outro, o *Novembro* e o *Dezembro*.

O PROFESSOR *Pereira-Caldas*.

AO CASTELLO DE GUIMARÃES

Um cômodo, por throno, e ameias, por diadema,
Nos hombros, manto d'hera, e os pés no inutil fôso,
Eil'ó, de fronte erguida, o indómito colosso,
Cofre de tradições, granitico poéma,
Que, em cada pedra adusta, e que o musgo corrôe,
Uma data celêbra e os feitos de um heróe!

Quem te decifre o aspecto e os mysterios te estude,
Colhe exemplos de glória e lições de virtude.
Pela bocca e na voz d'essas nobres ruínas,
Em teu verbo expressivo, e, na apparencia, rude,
A amar a patria e a Deus, sem cessar, nos ensinas.

Castello! A tua idade? — Extingue-se... no espaço.—
Que gente em ti viveu? — Uma de animo d'aço.—
O que a fez forte? — A fé! — O seu nome? — Titães.—
Quem te herdou? de quem és? — Possue-me Vimarães,
Mas sou do reino todo, e a todo honra eu faço.—

Tens razão. Nosso és. Da torre de menagem,
Viste, ufano, o caudal de victorias, sem dique,
Que alcançou de Borgonha a ínclita linhagem,
Quando Alfonso, ao cumprir o plano audaz de Henrique,
Hercules novo, a um tempo, e de um golpe, desfez
O erro e o orgulho vão, o *crecente*, em Ourique,
E os *iberos leões*, sobre as várzeas do Vez.

Viste, depois, de Aviz o homérico guerreiro
Da Virgem ante o altar vir depôr, de joelhos,
Os feixes de laureis, de sangue ainda vermelhos,
Que ceifou na batalha, em que o exercito inteiro,
Que nos julgou vencer, foi vencido, primeiro,
A' dádiva de rei juntando ainda outros dons, (*)
Do hymno triumphal inextinguiveis sons.

Viste isso tudo, o assaz para vinte epopéas...
O reverso de então, hoje, só, presencéas!

Lavra, não já o amor, a discórdia entre irmãos:
Ha nas crenças, o gêlo, o vicio nas idéias;
Cede ao goso o dever; tornam-se os homens vão;
Miram ao lucro, só; e de austêros, egoistas,
Deixam ir o que vae... O sceptro das conquistas,
N'esta inercia, nos cae das enervadas mãos,
E, em breve, sabe Deus, se o marasmo persiste,
Outra perda virá, maior e... ainda mais triste.

(*) Um dos objectos offerecidos, o que se conservam na igreja da Collegiada de Guimarães, é o oratorio, que pertencia ao rei de Castello, e que lhe foi tomado em Aljubarrota.

Tu, gigante senil, que á auspiciosa aurora
D'este reino, sem par, attônito, assististe,
Não lhe assistas tambem ao seu occaso, agora.
Se o berço lhe saudaste, evita ouvir da enxada,
Que lhe anda abrindo a cova, a lugubre pancada.
Faze-te cego e surdo, e já, não te demôres,
Ante uma scena tal as velhas faces vela,
Pois, com as ter de pedra, é possivel que côres.

Mas ainda não... Bem vês, no ar já se enovella,
Por fatidica lei, a ultima tormenta.
Se envolta em raios, vem, e restruge e rebenta,
A fé renascerá, e, com ella, outra era
De justiça, de paz e liberdade... Espera!

A. *Pereira da Cunha*.

O MORGADO DE CAMBADOS

O MORGADO de Cambados era um bello rapaz
afinal de contas. Mas muito brutinho, va-
lha a verdade. Não via meio palmo adiante da
penca.

Todavia era rico, muito rico, graças á herança
de seus paes, uns presumidos por ahí além, que
afinal morreram... como os outros. Fiado mais
na sua riqueza do que nos seus dotes phisicos e
moraes (pelo menos conhecia-se, o bruto), lembrou-
se de fazer a côrte á filha do regedor da sua fre-
guesia. E ella *tomou*, já se vê, porque via luzir
debaixo d'aquelle barril de tolice uma mina de
ouro.

+

Um dia, era ao lusco-fusco, a tia Maria do
Outeiro, a tia Joaquina do Cabeçudo, o sacris-
tão do presbyterio, João Cabreiro e Manel das
Alporcas, murmuravam á porta do regedor sob-
re as vidas d'este e d'aquelle.

A filha da sobredita auctoridade da fregue-
zia tomava parte na conversação.

N'isto, apparece o morgado de Cambados. Os
homens descobriram-se, e as mulheres cumprim-
entaram.

— Ora estejam com Deus.

— Com o mesmo venha, siôr morgado — dis-
se a tia Joaquina Cabeçudo. — Então como lhe
vae? Já não ha olhos que o vejam, nem amores
que o mereçam...

— Se ha, Joaquina! Sabe Deus se ha!

E pôz a mão no coração, ao mesmo tempo
que lançava uns olhinhos de apaixonado para a
filha do regedor, que lhe enviou um sorriso.

Depois virou-se para a tia Maria do Outeiro
e disse-lhe n'um tom de disparate, que fez rir
novamente a namorada:

— E boncê, tia Maria: que vae de vida?

— Por aqui, por aqui, siôr morgado. A gen-
te vae vivendo.

— Então em que se fallava? Vá: eu não que-
ro interromper...

— Ora essa! Vosseoria pôde tomar parte, que
não é segredo — acudiu o Manel das Alporcas.

— Tratava-se de bruxas e lobishomens... —
informou o sacrista.

—Ah, ah, ah!—riu o morgado.—Bruxas! lobishomens... ah, ah, ah!...

—Vosseoria ri-se?

—Pois eu posso lá deixar de rir? Quem falla cá n'essas cousas? Vós julgaes que sou *argum tolo* que *acardito* em tudo. Nada. *Antão* para que quer cá um home a instrucção?

—T'arrenego, maçónico — disse a tia Maria do Outeiro.

—Que diz?—perguntou o morgado apimentado.

—Nada, nada; estava cá a resar as minhas contas...

E tossiu para disfarçar.

×

Continuou a conversa sobre bruxas, lobishomens e avantesmas. Uma crendeira narrava o apparecimento de um cão negro em volta da igreja; uma timorata accrescentava um ponto a qualquer lenda de *spritos* maus e de mafarricos de enguiço.

E os homens approvavam com a cabeça, que sim, que *acarditavam*, que foi visto pelos seus olhinhos que Deus conserve, ou que foi contado pela santa avó, que Deus tenha em bom logar.

O morgado é que não queria mostrar visos de medo diante da sua bella.

«Que não—dizia elle.—Não tinha medo nenhum a essas cousas.

—Então o siôr não tem medo?—perguntou o sachristão.

—Nenhum, homem de Deus.

—Mas não é capaz de ir á igreja sósinho a estas horas.

—Vou ao inferno, até.

—Palavra?

—De morgado de Cambados.

—A apostar?

—A apostar!

E fez-se a aposta. O morgado devia ir sósinho á igreja, de onde traria uma caveira que estava detraz do altar de Nossa Senhora das Candeias.

×

Foi, abriu a porta; e, á luz da lampada, dirigiu-se ao altar, apoderando-se da caveira. Mal que a tocou, pareceu-lhe ouvir um pio exquisito... Estacou. Recobrou animo e disse comsigo: «Foi illusão acustica».

Encaminhou-se para a porta, e nova pieira deteve-o. Com o coração *tic-tac* applicou o ouvido á caveira, do interior da qual se repetiu o *piu, piu, piu...* O terror invadiu-o totalmente. Era evidente, que dentro d'aquella ossea morada habitava alguma alma penada.

Fôra de si, correu para a porta. Mas um novo *piu, piu* gelou-lhe os movimentos e lançou-o por terra sem sentidos.

×

—O siôr morgado não vem! Houve cousa; o homem teve medo—dizia a troupe de maldizentes á porta do regedor.

Que seria, que não seria, e decidiram afinal verificar o acontecido.

Encontraram o pobre do morgado de Cambados estendido á entrada da porta da igreja. Reanimaram-o.

—Então que lhe aconteceu?—interrogaram.

—Ai! não sei como vol-o conte! Uma cousa terrivel! Um *sprito*, um *sprito* medonho!

Procedeu-se á analyse da caveira, e encontrou-se uma ninhada de morcegos que piavam, piavam ao menor movimento que se desse á sua casa usurpada.

Albano Coelho.

OS LUSIADAS

(A MEU TIO DR. PEREIRA CALDAS)

Se pudesse rasgar-se o firmamento em tiras,
Formar d'ellas um livro infindo em proporções,
Elle era ainda escasso ao compulsar das lyras,
Cantando aquelle Assombro! o parto de Camões!

Braga, Agosto de 85.

Braulio Caldas.

CONFIDENCIA

Quando lhe disse, em lagrymas banhado,
o muito amor que no meu peito abrigo,
ella exclamou, n'um chôro suffocado:

—«a esmola d'esse affecto é que eu mendigo!»—

Depois, fitando o seu olhar celeste

no meu olhar sereno, murmurou:

—«nem calculas o bem que me fizeste...

Bemdicto seja o Deus que t'inspirou!»—

Tadim.

Carlos Braga.

RECORDAÇÃO

NÃO me esqueço d'essa tarde tão ditosa
em que tu, a sós commigo no jardim,
te deixaste adormecer ao pé de mim
em posição bem languida e descuidosa.

E quando eu absorto contemplava
o conjunto de tuas fórmas sensuaes...
a belleza de teus olhos devinaes!...
—tudo em mim um amor louco despertava.

E no meio d'este magico enleio
em beijo ardente meu labio aos teus uni:
uma extranha sensação então senti,
ao ouvir brandamente arfar teu seio.

Mas n'este beijo senti ir-se-me a vida
porque n'essa mesma tarde te deixava:
era a ultima vez que eu te osculava,
—era o ultimo adeus de despedida.

Braga.

D. Carlos Sotto-Mayor.

LUZ INTIMA!

SEU lindo olhar... que magia!
Tem o encanto natural,
O perfume, que inebria,
D'uma essencia oriental!

Meigo como a cotovia
Ao desabrochar da aurora,
Tem essa doce harmonia
D'uma pétala que chora.

Rociada e crystallina
Ao nascer da madrugada,
E ao saudar a luz divina
Mostra a face descorada.

Esse olhar suave e ameno,
Que me enleva e me seduz,
Como o olhar do Nazareno
E' todo amor, todo luz!

Quando o sol abre o seu manto,
—Mixo d'ouro e de purpura,
Beija a flor mimosa e pura:
E assim, enxuga-lhe o pranto.

E a planta languida e molle,
Qual gentil, loira creança,
Recebe os beijos do sol,
—Essa meiga pomba mansa!

E' assim que o teu olhar,
Como o sol é para a planta,
Me seduz, me prende e encanta
Quando o sinto radiar!...

Sabrosa, 1885.

Teixeira Coelho.

CURIOSIDADES

QUEM não conhece o principe de Bismark, o grande diplomata allemão?

Conhecem-o todos, provavelmente.

Mas o que V. Exc.^{as} não sabem é as diferentes pesagens do grande chanceller durante o periodo de 41 annos.

Pois vão sabel-o:

Em 1874, pesava 207 libras; em 1875, 219; em 1877, 230; em 1878, 243.

Em 1879, attingiu o principe o seu maior peso—247 libras. D'ahi por diante diminuiu: em 1881, marcava a balança, 232; em 1883, 220; e agora o peso do principe accusa apenas, 205.

Quer dizer: com o peso dos annos, diminue-lhe o peso do abdomen.

O contrario do nosso visinho Pregueiro, que quanto mais vac mais engorda.

CALINADAS

N'um baile:

Z... entra na sala, cumprimento para

aqui, cumprimento para acolá. Mas o demónio do alfaiate linha uma thesoura demasiado liberal, e deixou-lhe a casaca compridita.

As senhoras XX..., que presumem de maledicentes, notam o fraco e chacoteiam:

—O snr. Z... traz uma casaca muito comprida! Parece uma batina...

—E' que, responde Z..., eu já suppunha que V. Exc.^{as} me cortariam n'ella; e por isso vim prevenido, para não sair d'aqui em mangas de camisa.

×

No lyceu de Braga:

Um examinador de historia natural:

—Qual é o orgão da visão?

O alumno, reparando n'um dos examinadores, que usa oculos e que lhe apontava para os olhos:

—São os oculos.

×

Romeu e Julieta:

—Nunca julguei que tivesses um somno tão pesado. Eu debaixo da tua janella, cantando coplas sobre coplas... e nada!

—E a que horas cantavas?

—A's duas da madrugada.

—Ah!... Desculpa; imaginei que era o gallo da vizinha...

×

Na direcção telegrapho-postal:

—Tardará muito a chegar ao destino?

—Uma hora.

—Tal qual como lh'o dou?

—Exactamente.

—Então não assigno, porque é para meu irmão, e elle conhece a letra.

×

Entre amigos:

—Como o casamento faz mudar de ideias!

—Sim?!

—E' o que te digo. Eu, emquanto solteiro, gostava de todas as mulheres sem excepção.

—E agora?

—Ainda gosto de todas, menos... da minha!

CHARADA

FIGURA circular me deu meu fado—1
Toda a mancha por mim é repellida—2
A minha altiva fronte, immune ao raio,
Já foi de deuses immortal guarida.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos amigos o obsequio de nos enviar os prospectos em seu poder.

A administração da «Abelha» é na rua Nova de Sousa, 4—Braga.

Assignatura: Em Braga, por mez, 120 reis; Provincias: anno, 1\$300 reis; semestre, 700; trimestre, 400 reis. Avulso, 50 reis.